



**UNIVERSIDADE DO EXTREMO SUL CATARINENSE - UNESC
CURSO DE ARTES VISUAIS- LICENCIATURA**

LUANA VITALI BENTO

O BOLINE FEMININO ENTRE ARTE E EDUCAÇÃO

CRICIÚMA

2018

LUANA VITALI BENTO

O BOLINE FEMININO ENTRE ARTE E EDUCAÇÃO

Trabalho de Conclusão do Curso,
apresentado para obtenção do grau de
licenciada no Curso de Artes Visuais da
Universidade do Extremo Sul
Catarinense, UNESC.

Orientadora: Ma. Daniele Cristina
Zacarão Pereira

CRICIÚMA
2018

LUANA VITALI BENTO

O BOLINE FEMININO ENTRE ARTE E EDUCAÇÃO

Trabalho de Conclusão de Curso aprovado pela Banca Examinadora para obtenção do Grau de licenciada, no Curso de Artes Visuais da Universidade do Extremo Sul Catarinense, UNESC, com Linha de Pesquisa em arte, educação e gênero.

Criciúma, 19 de novembro de 2018.

BANCA EXAMINADORA

Prof^a. Daniele Cristina Zacarão Pereira, Mestre. (UNESC) -
Orientadora

Prof^a. Katiuscia Angélica Micaela de Oliveira, Mestre. (UNESC)

Mauricio Bittencourt, Especialista. (UNESC)

**Dedico às mulheres que sofrem com a
todas as formas de violência de
gênero, mas que lutam e acreditam
em dias melhores. Unidas
venceremos.**

AGRADECIMENTOS

Agradecer as pessoas que participam de nossa vida é essencial, mas muitas vezes não sabemos como fazer, então fico apenas com essas vagas palavras.

Agradeço primeiramente a Deus, por estar comigo nas horas de dificuldade, quando ninguém mais entendia os meus pensamentos e nas ocasiões que pensava em desistir de tudo, porém minha fé sempre perseverou.

Segundamente faço agradecimentos a pessoa mais importante da minha vida que esteve sempre comigo na tristeza e na alegria, mostrou-me que ser mulher é ser guerreira e a educação é o caminho mais certo para o crescimento, falo aqui da minha mãe Fátima, quem eu mais amo nessa terra.

Faço também agradecimentos ao meu pai, Helio, pois apesar de nossas diferenças e impasses sempre me apoiou e nunca me deixou baixar a cabeça.

Cito outras pessoas como minha avó Zeli, por me tratar sempre com carinho, minha madrinha Jadna, meu padrinho Ernesto e seus filhos Maria Eduarda e Lucas, por mostrarem que família é muito mais que laços de sangue.

Dedico essa parte especialmente aos meus verdadeiros amigos Leonardo e Paloma pelos momentos de apoios, risadas e desabafos.

Agradeço por final meus professores da escola e da universidade, minha orientadora Daniele Zacarão, por demonstrarem o amor da educação, me instruírem e elevarem meu conhecimento.

Sempre levarei todos em minha memória.

**“É pelo trabalho que a mulher
vem diminuindo a distância que
a separava do homem [...]”**

Simone de Beauvoir

RESUMO

A presente pesquisa, intitulada “O boline feminino entre arte e educação”, está inserida na linha de pesquisa em Arte, Educação e Gênero do Curso de Artes Visuais - Licenciatura da UNESC e tem como método a abordagem cartográfica. Dispõe do seguinte problema de pesquisa: 'De que forma as aulas de artes contribuem para a formação do gênero feminino pela imagem?'. Através de uma reconstrução bibliográfica de teóricos como Beauvoir (1980), Manacorda (2001) e grupo Ação Educativa (2015), investigo como a imagem feminina se propagou ao longo da história ocidental. Nesta busca, interessa-me também discutir sobre o papel da mulher na arte e sua invisibilidade histórica, apresentando obras de artistas como Artemisia Gentileschi, Aurélia Rubião, Ana Mendieta, Judy Chicago, Rosana Paulino, Katarzyna Majak, dentre outras, para discutir conceitos pertinentes a questões de gênero. As relações com a educação são intensificadas a partir da pesquisa de campo e de experiências com a realidade das salas de aula. Existem professores que ainda não conhecem as ligações entre arte, gênero e educação, nessas páginas, busco desmistificar alguns tabus e estimular mais estudos sobre o assunto. Para tal objetivo, exponho, ao final deste percurso, uma proposta de oficina de capacitação para professores e estudantes de artes.

Palavras-chave: Imagem da mulher. Educação. Gênero. Feminino.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – Vênus de Willendorf (+/- 25.000 anos)	19
Figura 2 – Coluna da Deusa Nekhbet (3000 a 2000 a.C.).20	
Figura 3 – Cópia romana da deusa grega Deméter (IV a.C.)	19
Figura 4 – Vênus de Milo com gaveta - Salvador Dalí (1964)	20
Figura 5 – O Nascimento de Vênus - Sandro Botticelli (1486)	22
Figura 6 – Vênus anatômica - Clemente Susini (1782)	23
Figura 7 – Primavera – Sandro Bottecelli (1478)	23
Figura 8 – Retrato de Ginevra de Benci - Leonardo Da Vinci (1478).....	25
Figura 9 – Senhora com unicórnio - Rafael Sanzio (1520).....	25
Figura 10 – Santa Clara de Assis e Santa Isabel da Hungria - Simone Martini (1284-1344).....	26
Figura 11 – Joan of Arc burning at stake – Jules Eugène Lenepveu (1890)	27
Figura 12 – Les Demoiselles d' Avignon – Pablo Picasso (1907)	28
Figura 13 – Tropical- Anita Malfatti (1917).....	30
Figura 14 – Mulheres de Taiti na praia- Paul Gauguin (1891)	31
Figura 15 – Propaganda Coca-cola anos 50	31
Figura 16 – Propaganda Cerveja Antartica 2006.....	34
Figura 17 – Autorretrato de Catharina van Hemessen (1548)	34
Figura 18 – Self-Portrait Painting the Virgin (1556)	38
Figura 19 – Minerva Dressing (1613).....	39
Figura 20 – Portrait of a Noblewoman (1580).....	40
Figura 21 – Susana e os Velhos (1610).....	41
Figura 22 – Cópia de <i>Hortus deliciarum</i> (1879-1899).....	43
Figura 23 - Sem Título (1923)	45
Figura 24 – Obra de Aurélia Rubião (1966)	47
Figura 25 - Cute Piece (1964)	48
Figura 26 – O Banquete (1974-1979)	49

Figura 27 - Série Bastidores (1997)	50
Figura 28 – Folder Guerrillas Girls (1989).....	51
Figura 29 – Retrato da Feiticeira Joanna (2012-2015)	52
Figura 30- Retrato da Feiticeira Enenna (2012-2015)	53
Figura 31 – Monalisa (1506)	54
Figura 32 – Entrada de Joana D´arc à Orleans (1887).....	55
Figura 33 – Abaporu (1928)	59
Figura 34 – A Boba (1916)	60
Figura 35 – Marylin Moroe (1962)	61
Figura 36 – Mulher com Guarda-chuva (1886).....	62
Figura 37 – Violência de gênero de acordo com o grupo Ação Educativa (2016)	65

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

UNESC- Universidade do Extremo Sul Catarinense

SUMÁRIO

1 UNÇÃO.....	12
2 WICCANING	18
3 RITO MENARCA.....	37
4 CRONING.....	56
5 PROJETO DE CURSO: BOLINE: (RE)CORTES ENTRE GÊNERO FEMININO, ARTE E EDUCAÇÃO	70
5.1 JUSTIFICATIVA	70
5.2 OBJETIVO GERAL.....	71
5.3 OBJETIVOS ESPECÍFICOS	71
5.4 CARGA HORÁRIA	71
5.5 PÚBLICO ALVO	72
5.6 EMENTA.....	72
5.7 METODOLOGIA.....	72
6 RÉQUIM	74
REFERÊNCIAS	76
APÊNDICE (S)	79
APÊNDICE A- TERMO DE AUTORIZAÇÃO DO USO DE IMAGEM, FALA, ESCRITA	80
APÊNDICE B – ROTEIRO DE PERGUNTAS	82

1 UNÇÃO¹

Antes de mais nada, preciso perguntar-me aqui quem sou? Ao fazer esse questionamento, detenho-me a afirmar que me identifico como mulher, acadêmica do curso de Artes Visuais - Licenciatura da Universidade do Extremo Sul Catarinense – UNESC e residente da cidade de Criciúma. Advindo dessas simples palavras, surge o problema de pesquisa. *De que forma as aulas de artes contribuem para a formação do gênero feminino pela imagem?*

Em 1949, Simone de Beauvoir escreveu, no seu livro *O Segundo Sexo*, que “*não se nasce mulher, torna-se*”. Ao fazer essa afirmação, ela se justifica observando que ‘ser mulher’ não passa de uma construção social, e isso determinará um conjunto de regras e atitudes que deverá seguir para pertencer a esse grupo. Hoje, em termos mais contemporâneos, podemos dizer que o ser humano nasce com um sexo e que o modo como ele age numa sociedade determina uma identidade de gênero.

Entretanto, declarar-se ser de algum gênero nem sempre é fácil, existem certos tabus que recaem sobre o indivíduo no momento que ele faz isso, as liberdades de escolha são muito limitadas. Porém, tal quadro vem passando por uma leve abertura se o compararmos a décadas atrás, em que homossexualidade era considerada uma doença e a mulher, escrava do lar e do aparelho reprodutor. Entretanto, às vezes, sinto que estamos retrocedendo nesses termos.

Hoje, declaro-me como mulher, portanto, preocupo-me com sua atuação na sociedade, com a criação da sua imagem nas artes visuais e como isso reflete nos tempos atuais, traçando ideias de gênero contemporâneas, seus

¹ Ritual wicca realizado nos primeiros dias de nascimento da criança.

espaços e reconhecimento na sociedade.

Nos próprios Parâmetros Curriculares Nacionais (1997, p. 7), o Ensino na Arte, em sua totalidade, tem como uma de suas funções fazer o aluno:

Compreender a cidadania como participação social e política, assim como exercício de direitos e deveres políticos, civis e sociais, adotando, no dia-a-dia, atividades de solidariedade, cooperação e repúdio às injustiças, respeitando o outro e exigindo para si o mesmo respeito.

Entretanto, apenas fui compreender o papel social da arte em sala de aula com as práticas e vivências dos estágios proporcionados pelo ambiente universitário, pois consegui enxergar na prática a importância dos alunos se sentirem integrantes e pertencentes ao meio artístico e cultural.

Se analisarmos a educação que me foi proporcionada, apesar de ter tido a oportunidade de estudar em uma escola particular e ter acesso a algumas informações mais amplas, pouco me senti representada como integrante do sexo feminino em sala de aula pelas artes ou qualquer outra disciplina. Buscava me identificar nas leituras, procurar figuras às quais pudesse me apegar. Durante muito tempo, li sobre contos de bruxas, de mulheres inteligentes e esforçadas, todavia, sempre muito julgadas na sociedade. A partir dessa asserção, começou a me surgir este projeto de pesquisa, um desejo individual de me entender não apenas como mulher em sexualidade, mas sim como mulher política, artista e cidadã. Mesmo nas escassas ocasiões de conversas que me foram oferecidas durante os anos escolares, lembro-me de pouquíssimas artistas mulheres trazidas pelos professores, e ainda sequer pensadas enquanto uma questão a ser debatida

em sala.

Foi mais tarde, já na vida adulta, que me deparei com o movimento feminista, estudei artistas que tratam essas questões em seus trabalhos, como Ana Mendieta, Yoko Ono, entre outras.

Durante o início do século XX, ponto culminante dos movimentos feministas, é possível encontrar, nas produções artísticas, questões como violências físicas e psicológicas sofridas por mulheres, a exposição sexual do corpo feminino e problemáticas que eram e ainda são noticiadas diariamente, retratando uma realidade dura e muitas vezes oculta.

O mercado de trabalho, a vida intelectual e artística foram aos poucos sendo abertos para que elas pudessem emergir e expandir-se para outros novos horizontes. Os gritos de socorro e as atitudes das mulheres que antecederam este século foram determinantes para essa incursão, especialmente no mundo das artes visuais (ALMEIDA, 2010, p.5).

Vozes reprimidas e incompreendidas ao longo da história, que necessitam apoio não exclusivamente familiar, devem receber igualmente apoio social, governamental e educacional, de maneira especial das aulas de artes, devido ao seu forte cunho na formação do pensamento individual e cidadão.

Entretanto, ao pesquisar em diferentes fontes e com ênfase no livro *História da Educação: da antiguidade aos nossos dias* (MANACORDA, 2001) e o *Segundo Sexo* (BEAUVOIR, 1980), que falam de relatos, sofrimentos e batalhas femininas ao longo da história, foi possível ver que não existe um padrão. Sociedades antigas como as egípcias eram capazes de dar vozes às mulheres de classes mais abastadas, estas participando de decisões

políticas e reclamando seus direitos. Papel que, no entanto, era repreendido pela sociedade grega ateniense.

Por que essas mudanças discrepantes são encontradas ao longo da história? Como eram feitas as representações femininas nos diferentes povos ocidentais e quais suas relações com as políticas locais? Talvez não exista um padrão, todavia julgo necessário compreender. Fica, assim, a questão: de que maneira as representações femininas feitas ao longo dos séculos repercutiram na atualidade?

Considerando isso, baseio-me no método cartográfico para análise das informações, pois, ao ler o livro *Pistas dos Métodos da Cartografia* (2015), de Eduardo Passos, Virgínia Kastrup e Liliana da Escóssia, identifiquei-me com o seu caráter mutável, que se assemelha ao meu projeto quando enfoca a capacidade do ser humano de transformar sua constituição pessoal e social, dependendo do contexto e do tempo em que ele vive. Esses mesmos autores caracterizam o sentido da cartografia como “acompanhamento de percursos, implicação em processos de produção, conexão de redes ou rizomas” (p. 11). Além disso, catalogam esse método como indefinível, alterando-se de acordo com as necessidades do autor.

Que métodos cartográficos utilizarei? Deve-se considerar que as necessidades da pesquisa mudam com o decorrer do processo e, por isso, mais uma vez, detenho-me na cartografia, por ela oportunizar essa mutabilidade tão conveniente às minhas necessidades de pesquisa. Porém, como todo pesquisador, tenho minha linha de raciocínio.

Desde criança me interessei por questões ligadas à bruxaria e magia, vejo a imagem das bruxas como uma representação de mulheres inteligentes, fortes e destemidas. Esse interesse tornou-se mais forte durante o percurso da pesquisa de TCC, por isso, ao longo do texto, apropriando-me de termos e imagens de bruxas através das obras da artista Katarzyna Majak. Os capítulos

recebem o nome de rituais de passagem espiritual da religião pagã wicca², da unção ao réquim, ou seja, do nascimento a morte. O título “O Boline Feminino entre Arte e Educação” trago a palavra Boline, nome dado a um instrumento semelhante à uma foice com a ponta em formato de lua, presente nos rituais wicca que representa o corpo feminino e é usado para cortar os ingredientes. Nesta pesquisa, a ideia de Boline é desenvolvida como um corte, que revela algo, que retira as barreiras existentes entre a imagem da mulher, a arte e educação.

Seguindo essa introdução, no segundo capítulo chamado de Wiccaning, pretendo investigar a imagem da mulher e a construção do gênero feminino em diferentes períodos da história ocidental e contextos sociais da antiguidade à contemporaneidade através de uma abordagem qualitativa de dados. Utilizo informações bibliográficas, tais como Abreu (2015), Amaral (2012), Beauvoir (1980), Burke (1997), Cruz (2008), Laponte (2002), Manacorda (2001), Souza (2017), Terenzi (2001), e imagens disseminadas pelos meios educativos em voga, de acordo com o período que se instituiu, sempre abordando questões sobre a imagem da mulher e sua influência na construção de gênero. Uma análise, portanto, também iconográfica, de símbolos, para entender como repercutiam no cotidiano feminino.

No terceiro capítulo, Rito Menarca, busco o enfoque da mulher especificamente como artista, como suas produções eram recebidas pelas instituições e circuitos de arte e chegavam às salas de aula. Dessa maneira, (re)construindo a imagem de uma mulher produtora e protagonista de sua história. Para tanto, utilizo os autores Jallageas (Disponível em: <<http://www.miniweb.com.br/artes/artigos/>>), Abreu (2015), Tadesco (2012), Nochlin (2016), Laponte (2002) e Senna (2017).

² Religião pagã, geralmente associada à bruxaria.

O Croning foca a realidade que estamos vivendo, com a qual nos deparamos todos os dias em sala de aula e nas ruas. Essa aproximação com a atualidade é observada a partir de entrevistas feitas em saídas de campo, nas quais pergunto às pessoas de ambos os sexos, com faixas etárias que variam de 19 a 62 anos, como elas veem as questões do feminismo, imagem das mulheres, as visualidades que têm/tiveram acesso na sala de aula e quais seus conhecimentos, preconceitos e dúvidas sobre a construção de gênero. Se existem espaços para discussões de gênero nas escolas e como são realizadas. Referenciando teoricamente com citações do grupo Ação Educativa (2015) e Butler (2003).

Concluindo essa análise, finalizo com ideias práticas e sugestões de como abordar o tema *mulher e gênero*, abrindo novos lugares para debates e compartilhamento de conhecimentos em sala de aula.

2 WICCANING³

“O que é uma mulher? Eu lhes asseguro, eu não sei. Não acredito que vocês saibam. Não acredito que alguém possa saber até que ela tenha se expressado em todas as artes e profissões abertas à habilidade humana” (WOOLF, 1979).

As imagens das mulheres nos primeiros momentos da história ocidental se tratavam de representações de deusas. Tribos e civilizações antigas exaltavam figuras em estatuetas ou em ornamentações na arquitetura, esculpidas com técnicas que variavam em cada local, assim como os simbolismos, crenças e mitologias atribuídos a tais produções. Geralmente, eram objetos criados para fins religiosos e seguiam um determinado padrão de acordo com o povo ao qual pertenciam, uma prática mais artesanal que era ensinada de forma informal e reproduzida sem qualquer pretensão de inovação.

Sobre esse aspecto para os indivíduos dessas populações, Beauvoir (1980, p. 88) afirmou que “a Natureza na sua totalidade apresenta-se a ele como uma mãe; a terra é mulher, e a mulher é habitada pelas mesmas forças obscuras que habitam a terra”.

³ Ritual no qual a criança é apresentada à Deusa e ao Deus wicca.

Figura 1 – Vênus de Willendorf (+/- 25.000 anos)



Fonte: <<https://www.infoescola.com/>>

Figura 2 – Coluna da Deusa Nekhbet (3000 a 2000 a.C.)



Fonte: <<https://cristianaserra.wordpress.com/>>

Figura 3 – Cópia romana da deusa grega Deméter (IV a.C.)



Fonte: <<https://pt.wikipedia.org/>>

Nossos antepassados, na pré-história, produziram a primeira figura de uma suposta mulher, com seios fartos e quadris largos, que se acredita remeter à fertilidade, característica atribuída ao feminino por esses grupos. No Egito, encontramos a imagem da deusa Nekhbet, ainda numa figura animal, muita ligada à natureza. Como Beauvoir nos fala, ela é uma ave e o seu papel na religião egípcia é voar sobre as mulheres grávidas da realeza e abençoar seus filhos. Por último, temos a escultura da deusa Deméter, mais humanizada, devido ao apreço dos gregos e romanos pelo corpo humano. Entretanto, seu conto mitológico semelha os anteriores, pois é uma mãe

que se preocupa com seus filhos. Quando o deus Hades rapta sua filha, Perséfone, para se casar com ela, Deméter entra em um estado profundo de tristeza e sua vida perde o sentido.

A ligação íntima da mãe com o filho será para ela fonte de dignidade ou indignidade, segundo o valor, que é muito variável, concedido à criança; essa própria ligação, disseram-no, será reconhecida, ou não, segundo os preconceitos sociais (BEAUVOIR, 1980, p. 55).

A mulher, durante a história, será apresentada ora como agente reprodutor, ora como um ser sexual, mas sempre ligada a fatores carnisais.

“É impossível [...] encarar a mulher unicamente como força produtora; ela é para o homem um parceiro sexual, um objeto erótico, um Outro através do qual ele se busca a si próprio” (BEAUVOIR, 1980, p. 79).

Independentemente da ‘força’, como a autora nos cita, não é a mulher que decide sobre sua história e destino, ela é limitada ao papel do ‘outro’ na sociedade, um espelho do que os outros agentes sociais ou biológicos impõem sobre ela – os primeiros referindo-se à cultura e o segundo, ao papel reprodutor que lhe era imposto até a descoberta dos métodos contraceptivos e sua aceitação pública. O livro *O Segundo Sexo* (1980), de Beauvoir, traz um fato curioso, relatando que, desde o Egito, as prostitutas já conheciam certos métodos contraceptivos, porém eram proibidas de divulgá-los, já que não eram bem aceitos pela população. Entre eles, encontramos os

emplastos espermicidas.

Uma das figuras mais polêmicas da Antiguidade, no entanto, é a deusa do amor e da beleza, chamada de Afrodite pelos gregos e de Vênus pelos romanos. Sendo, ela, uma fonte de inspiração para artistas até a contemporaneidade.

[...] Afrodite foi tema de inúmeros pintores e o seu nascimento atraiu a atenção; além de ter sido retratada de diversas maneiras, principalmente durante o Renascimento. Afrodite metamorfoseia-se, mantendo sua ambiguidade (TERENZI, 2015, p. 70).

Figura 4 – Vênus de Milo com gaveta - Salvador Dalí (1964)



Fonte: <<http://g1.globo.com/>>

Figura 5 – O Nascimento de Vênus - Sandro Botticelli (1486)



Fonte: <file:///C:/Users/User/Downloads/5063-18516-1-PB.pdf>

Figura 6 – Vênus anatômica - Clemente Susini (1782)



Fonte: <file:///C:/Users/User/Downloads/5063-18516-1-PB.pdf>

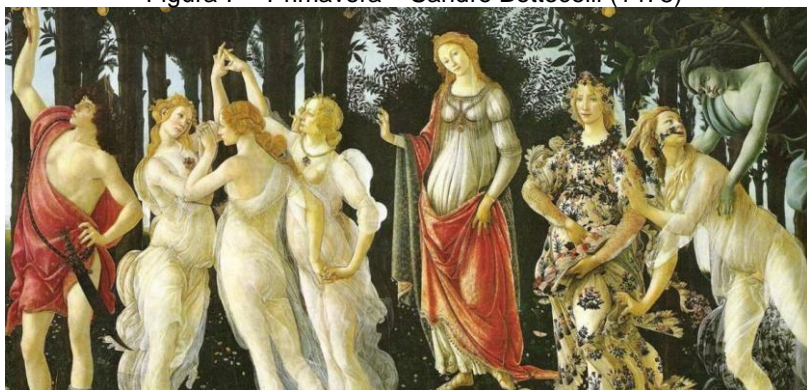
Afrodite é conhecida por conseguir tudo o que desejava com sua beleza, usando-a para persuadir outros deuses e utilizando seu corpo como seu maior instrumento de sedução.

Mais tarde, o renascimento europeu retomou os ideais de beleza greco-romanos e produziu várias imagens femininas, quase sempre nuas, sexualizadas, porém com olhares inocentes, como seres passíveis e quase infantilizados. Burke (1997, p. 17) fala o seguinte quando se refere ao Renascimento: “aquilo que é especialmente característico deste movimento é a tentativa de reavivar outra cultura, de imitar a Antiguidade em tantas áreas e através de diferentes meios”.

Mesmo sendo muito representadas, as mulheres não tiveram trabalhos apresentados em museus e nem podiam opinar sobre as obras produzidas. Encontramos exceções apenas nos casos de algumas nobres que se construíam aos poucos na sociedade contra os preconceitos burgueses.

Em termos técnicos e de produções artísticas, o Renascimento foi um período promissor, no qual encontramos nomes como Botticelli, Leonardo Da Vinci e Michelangelo. Os estudos acadêmicos eram intensos, todavia, para as mulheres, contribuíram quanto à construção de tabus, de como uma figura feminina deveria ser através das imagens divulgadas, causando entraves para emancipação e debates.

Figura 7 – Primavera – Sandro Bottecelli (1478)



Fonte: <<https://www.fourshires.co.uk/>>

Figura 8 – Retrato de Ginevra de Benci - Leonardo Da Vinci (1478)



Fontes: <<https://pt.wikipedia.org/>>

Figura 9 – Senhora com unicórnio - Rafael Sanzio (1520)



Fonte: <<https://pt.wahooart.com/>>

A repressão às mulheres **era** ainda maior na Idade Média, período em que apenas eram valorizadas as imagens das santas – graças ao preconceito da Igreja quanto à exposição dos corpos. Santas e membros dos conventos e de famílias que tinham dinheiro para dar uma condição melhor de vida às filhas conseguiam ter algum acesso aos estudos, enquanto, às demais, isso era negado, pois deveriam concentrar seus afazeres ao lar.

Figura 10 – Santa Clara de Assis e Santa Isabel da Hungria - Simone Martini (1284-1344)



Fonte: <<http://deniseludwig.blogspot.com/>>

“As rainhas por direito divino, as santas por evidentes virtudes, asseguram-se um apoio na sociedade que lhes permite igualar-se aos homens” (BEAUVOIR, 1980, p. 130).

Mulheres que insistiam em obter conhecimento que não lhes eram permitidos eram expulsas de seus povos ou condenadas à inquisição⁴. Um exemplo clássico foi Joana D’Arc, que lutou para proteger o povo francês e, após isso,

⁴ Tribunal católico do século XIII, no qual eram julgados os hereges e “feiticeiros, conhecido por executar seus condenados.

foi executada na fogueira por ser considerada uma herege, 'possuída pelo demônio'. A Idade média é um dos períodos da história que sempre me chamou mais a atenção, por causa de suas lendas e contos mal explicados. Em minha infância, sempre fantasiei a figura da bruxa como um ser místico; mais tarde, no ensino médio, compreendi melhor a função social das consideradas 'bruxas' e me apaixonei cada vez mais por elas, entre as quais, Joana D'arc.

Figura 11 – Joan of Arc burning at stake – Jules Eugène Lenepveu (1890)



Fonte: <<https://commons.wikimedia.org/>>

Foi na modernidade que as mulheres finalmente encontraram espaço no mercado de trabalho, na educação e nos meios de produções artísticas, graças ao advento da

Revolução Industrial no século XIX. A tecnologia surge pela primeira vez devido à burguesia (grupo de comerciantes que se opunham à realeza europeia), que agora buscava modos de aumentar suas produções. Nesse contexto, são criadas grandes indústrias e contratados estudiosos para pesquisas em tecnologia. As empresas, no início, necessitavam de grande mão de obra, que um determinado mercado, sozinho, não podia suprir, então convidaram mulheres para ocupar cargos industriais e saírem dos seus lares. Algumas funções ainda eram específicas para homens, porém as mulheres passariam a receber auxílio financeiro (muito inferior ao salário dos homens) e colaborar com as despesas da família. Alguns estudiosos, como Karl Marx, reconhecem a importância da abertura do mercado para todas as classes a fim de que os níveis de produção se elevem, entretanto as condições nas quais o público feminino trabalhava eram sub-humanas, com horas de trabalho absurdas, voltando para seus lares nas madrugadas por ruas perigosas, sem licença maternidade ou qualquer outro direito trabalhista.

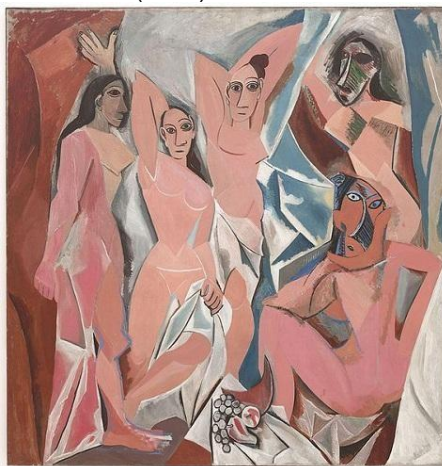
Mas, enquanto essas mulheres proletárias lutavam para continuarem vivas, as ex-membros da realeza em decadência lutavam politicamente pelo seu espaço e faziam suas próprias produções artísticas. Algumas filhas de nobres buscavam educação e iam parar em escolas de artes, onde participavam de movimentos pelos seus direitos e de seu povo. Os artistas modernistas do século XIX se vincularam a movimentos como esses, questionavam a intensa exploração das indústrias e de todo mercado de trabalho, lutaram contra a burguesia e o monopólio de poder.

O mundo europeu começou a ser questionado, países que antes não se reconheciam como produtores passaram a buscar enaltecer suas culturas. Um exemplo é o Brasil, que, através da ideia de nacionalismo, retratou seu povo e temas pertinentes a ele. Ocorreu uma quebra nos cânones de pintura clássica como forma de protesto e

tentaram trazer esse movimento para as academias. Conforme Amaral (2012, p. 11), “o nacionalismo viria como decorrência de uma ânsia de afirmação [...], estando daí em diante implícito o desejo de rompimento da intelectualidade como o século XIX e o academismo nas artes visuais”.

As mulheres, apesar de aparecerem nas obras, não seguem um padrão específico, podendo ser moças de interior, indígenas, negras, burguesas, proletárias, dentre outras. O corpo não é mais apresentado da mesma forma e isso causa preconceitos entre os artistas clássicos. Enquanto os modernistas montavam argumentos que desmistificassem os cânones, os conservadores lutavam para mantê-los fortes, fazendo também suas cartilhas, expondo seus pontos de vista nos meios de comunicação e buscando apoio político. Nesse contexto, foi instaurado um intenso quadro de luta intelectual no cenário brasileiro e mundial. Artistas como Pablo Picasso, Paul Gauguin e Anita Malfatti foram duramente criticados.

Figura 12 – Les Demoiselles d' Avignon – Pablo Picasso (1907)



Fonte: <<https://pt.wikipedia.org/wiki/>>

Figura 13 – Tropical- Anita Malfatti (1917)



Fonte: <<http://enciclopedia.itaucultural.org.br/>>

Figura 14 – Mulheres de Taiti na praia- Paul Gauguin (1891)



Fonte: <<http://apoioartistico.blogspot.com/>>

Essa abertura no mercado da arte trará novas possibilidades para o século XXI. A educação busca

formas alternativas de ensinar, segundo Souza (2017), surgem estudos referentes à cultura visual com o intuito de fazer os alunos pensarem sobre o que é consumido como visualidade nos museus e meios de comunicação e educacionais. Por que essas imagens são de determinadas formas? Quais suas intencionalidades, sexualizar uma figura como no renascimento ou doutrinar do modo como ocorria na idade média? Essa maneira reflexiva de pensar advém em conjunto com os movimentos sociais do século, que ganharam mais forças e novos adeptos na contemporaneidade.

Dentro de tal quadro, encontramos o movimento feminista do tempo vigente, que ganhou maior número de adeptos nos anos 70 por lutar pelos direitos das mulheres, pela igualdade salarial, pela presença política feminina e por espaços expositivos mais amplos para as artistas. Graças à contribuição desse movimento, a mulher agora é dona da sua própria casa, dos seus negócios e pode ter independência financeira.

A primeira onda feminista surge no final do século XIX, no Reino Unido. Essas mulheres protagonizaram a luta pelos direitos políticos, o direito ao voto. Tal movimento ficou conhecido como 'sufragista'. A segunda onde ganhou força dentre os anos 60 e 90, buscando igualdade social e de direitos. A terceira, iniciada nos anos 90 e que se estende até a atualidade, é chamada de feminismo interseccional, que vem lutando contra os sistemas de opressão, dominação e discriminação.

Veremos mulheres prefeitas, presidentas e governadoras. No mundo das artes, suas vozes ganharam novos tons. Trabalham com o corpo, desenham, recortam-se, espelham-se, ocupam galerias, ruas, senados, boates, universidades, dentre tantos exemplos de gozos anteriormente apenas masculinos. Alguns passaram a afirmar que "as mulheres não têm mais do que reclamar", já que, em lugares 'desenvolvidos', os preconceitos não são mais tão explícitos. Apenas algumas comunidades

mantêm seus membros femininos confinados nos lares, e essas são consideradas retrógradas.

Entretanto, um novo embate para as mulheres contemporâneas é a mídia, que influenciará fortemente as jovens a seguirem novos padrões de belezas, os quais ainda se tenta desconstruir. Mulheres são objetos de propagandas de televisão, *outdoors* e redes sociais com poses altamente *sexys* e corpos idealizados. Isso gera, como consequência, jovens inseguras consigo mesmas, entraves psicológicos e dúvidas. ,

Nas propagandas a mulher e o produto se fundem através de qualidades comuns, ela própria é delineada como um objeto de consumo. É desta forma que se expressa a violência simbólica de gênero. Sabemos que toda relação social e toda prática é um locus de reprodução tanto quanto um locus de mudança. A mídia incorpora elementos da realidade, mas também pode modular, redimensionar, e recriar essa mesma realidade. (CRUZ, 2008, p. 7)

Figura 15 – Propaganda Coca-cola anos 50



Fonte: <<https://www.pinterest.co.uk/>>

Figura 16 – Propaganda Cerveja Antarctica 2006



Fonte: <<http://etilicos.com/>>

As figuras femininas serão induzidas a buscarem um determinado corpo, ora magro e atlético, como na imagem 15, ora sensual, como na imagem 16, e até mesmo a sofrerem para consegui-lo.

Essas imagens impostas serão muito aceitas e pouco questionadas por grupos que não trabalham com o tema. A escola, devido a certos preconceitos, opta por se omitir, não trabalhar com os jovens e não interrogar para não gerar atritos. Apenas alguns pequenos estudiosos da área olham para esse fato de forma crítica e preocupada. Segundo Laponte (2002, p. 290), “o nosso olhar fabricado na cultura visual do final do século XX parece acostumado com os corpos femininos que vendem produtos, lugares, modos de ser”.

Existem artistas em galerias que refutam essa forte cultura visual, mas isso não deve ser um processo isolado. As pessoas, de alguma forma, têm ciência do poder midiático, porém estão acostumadas com ele e preferem não falar sobre. É papel do professor de artes contemporâneo trabalhar esse tema no intuito de formar cidadãos mais observadores, atentos e ligados às suas realidades.

Uma prática de educação da cultura visual que destaque as representações visuais do cotidiano, de gênero e sexualidade, é uma experiência pedagógica significativa porque fornece uma miríade de oportunidades para cingir e adotar uma visão diversa da cultura, que não somente resiste acriticamente às representações visuais, mas incentiva a visão crítica como prática que desenvolva a imaginação, a consciência social e sentido de justiça. (DIAS *apud* ABREU 2015, p. 3936)

A história não segue uma linha reta, não tem um começo, um meio e um fim definidos. Tabus são destruídos e reconstruídos todos os dias, por isso, a importância do diálogo em sala de aula, para que tudo ocorra de forma consciente.

3 RITO MENARCA⁵

Durante muito tempo da minha vida, quando questionada, não soube discorrer sobre grandes feitos femininos ou até mesmo sobre artistas e grandes obras. Essas dúvidas, questionamentos e inseguras foram motivações para uma pesquisa mais intensa. Hoje, reconheço inúmeros nomes de mulheres artistas, seus feitos, lutas e dificuldades. Compartilhar esse saber é importante e se materializa como tema de minha pesquisa. No império egípcio, a arte tinha uma função pragmática religiosa, portanto, a maior dificuldade, ao pesquisar sobre arte egípcia, é encontrar seus autores, que não tinham o hábito de assinar suas obras, já que não davam tal *status* a elas. Talvez existiram artistas femininas egípcias esquecidas ou filhas de algum artesão, assim como no Renascimento, período cujas artistas vêm sendo reconhecidas na contemporaneidade. Nesse contexto, será possível encontrar nomes como o da artista flamenga Catharina van Hemessen (1528- 1587), filha de Jan Sanders van Hemessen, também pintor, com quem aprendeu seu ofício. Apesar de ela obter certa fama em seu tempo, não é um nome do quais estamos habituados, como Bottecelli ou Leonardo Da Vinci.

Cabe lembrar que o gênio era um “dote natural” exclusivamente masculino; mulheres cujo trabalho revelasse gênio eram consideradas anormais ou, no melhor dos casos, assexuadas. Os atributos da feminilidade eram diametralmente opostos aos do gênio: uma mulher que aspirasse à grandeza artística era suspeita de trair o seu destino

⁵ Ritual wicca de passagem da menina para puberdade.

doméstico. Aos homens cabia criar obras de arte originais; às mulheres recriarem-se a si próprias nos seus filhos (DUBY, apud JALLAGEAS, p. 6. Disponível em: <<http://www.miniweb.com.br/artes/artigos/>> Acesso em: agosto de 2018.)

Figura 17 – Autorretrato de Catharina van Hemessen (1548)



Fonte: <<https://pt.wikipedia.org/>>

Encontra-se também a italiana Sofonisba Anguissola (1532- 1625), discípula de Bernadino Campi. Era membro da nobreza, chegou a ficar conhecida internacionalmente por suas pinturas, sendo pintora oficial do rei Felipe II da Espanha.

Figura 18 – Self-Portrait Painting the Virgin (1556)



Fonte: <<https://www.oneonta.edu/>>

Uma mulher destacada pelos seus retratos é Lavínia Fontana (1522- 1614), pintora de retratos da corte bolonhesa. Também filha de um pintor, Prospero Fontana.

Figura 19 – Minerva Dressing (1613)



Fonte: <<https://www.wikiart.org/>>

Figura 20 – Portrait of a Noblewoman (1580)



Fonte: <<https://www.wikiart.org/>>

Por fim, uma das artistas mais importantes do Renascimento foi Artemisia Gentileschi (1593-1653), italiana e filha do pintor Orazio Gentileschi. Seu nome criou força pelo seu estilo barroco. A artista foi estuprada por seu mestre quando jovem, por isso, ela retratava temas como o assédio em suas obras. A exemplo disso, pintou *Susana e os velhos*, que representa a personagem bíblica Susana, que sofreu assédio de dois juízes. Sua ótica é bastante complexa, além de estar retratando uma mulher seminua, o que era proibido ao público feminino de sua época.

Enquanto os homens artistas puderam estudar o corpo humano em academias e escolas públicas, as mulheres foram impedidas de ter acesso a este tipo de conhecimento até o final do século XIX, ficando restritas aos chamados “gêneros menores” como o retrato, a natureza morta ou a paisagem [...] (ABREU, 2015, p. 3932).

Artemísia mostra, na pintura de sua personagem, um sofrimento real pelo qual ela e muitas mulheres passaram e ainda passam. Deixa de ser o ‘outro’ e torna-se o ‘eu’, desvencilhando-se da conotação cultural da mulher como agente passível, sem história.

Os velhos, que no primeiro momento contavam com o medo de Susana, falando no ouvido um do outro, foram surpreendidos pela sua atitude. Susana possui longos cabelos encaracolados, levemente dourados, pele clara, maçãs da face rosadas, braços e mãos que repudiam os velhos e a testa ligeiramente enrugada indicando seu desconforto no momento em que foi surpreendida pelos dois. O homem mais jovem faz algum comentário ao mais velho, o que juntamente com a proximidade dos corpos dos dois delata a cumplicidade do ato entre ambos. Certamente, o instante capturado pela pintura é o imediato momento após a atitude imoral dos homens (TEDESCO, 2012, p. 214-215).

Figura 21 – Susana e os Velhos (1610)



Fonte: <<https://www.wikiart.org/>>

Apesar da dificuldade de encontrarmos os nomes dessas artistas, ainda são mais conhecidas do que as gregas – Aristarete, Eirene e Calypso –, elucidadas pelo escritor romano, Plínio, em suas escrituras, mas o acesso às obras delas é bastante limitado até hoje. Não é possível encontrar suas produções online ou em qualquer livro de arte a que temos acesso aqui na região. Assim, mostrando que, apesar da participação da mulher na constituição da história, são os membros sociais que dão seu reconhecimento ou não, esse é um caminho enfadonho

desde os tempos mais antigos.

A pergunta “Por que não houve grandes mulheres artistas?” nos leva à conclusão, até agora, de que a arte não é a atividade livre e autônoma de um indivíduo dotado de qualidades, influenciado por artistas anteriores e mais vagamente e superficial ainda por “forças sociais”, mas sim que a situação total do fazer arte, tanto no desenvolvimento do artista como na natureza e qualidade do trabalho como arte, acontece em um contexto social, são elementos integrais dessa estrutura social e são mediados e determinados por instituições sociais específicas e definidas, sejam elas academias de arte, sistemas de mecenato, mitologias sobre o criador divino, artista como He-man ou como párias sociais (NOCHLIN, 2016, p. 23).

Nas artes, muitos dos registros femininos foram queimados, esquecidos ou desconsiderados. Na idade média, algumas mulheres conseguiram burlar financeiramente o forte sistema patriarcal, comprando espaços nas cortes para levarem seus trabalhos e falarem. Muitas delas vêm a ser esposas, filhas, irmãs e primas de homens ricos ou já ligados à arte, dessa forma, encontrando algum espaço para produção, ainda que seus trabalhos fossem quase sempre encarados como inferiores ou de forma pejorativa.

As mulheres precisam ser ‘governadas’, na acepção foucaultiana do termo. No caso das mulheres artistas, elas são sempre apêndices de alguém: filha de, esposa ou amante

de, mãe de... Elas e suas realizações precisam ser justificadas a partir da sua relação com outros. (LAPONTE, 2002, p. 288)

Mulheres consideradas 'santas', freiras em seus conventos, terão maior acesso a livros, formas de conhecimento e de produção. Algumas obtiveram seus trabalhos reconhecidos ainda em vida, mas abordavam somente temas religiosos e, apenas por causa de sua 'santidade', encontraram espaço para expor seus trabalhos perante o clero.

Herrad Von Landsberg (1167-1195), abadessa do convento de Santa Odila, em Hohenbourg, na Alsácia, foi responsável pela ilustração de uma enciclopédia chamada *Jardim das Delícias*, para estudos teológicos. Inclusive, dentro dele, encontram-se autorretratos da própria.

Figura 22 – Cópia do Jardim das Delícias(1879-1899)



Fonte: <<https://commons.wikimedia.org/>>

Grande parte das mulheres artistas continuaram no mesmo processo da Idade Média, presas em seus lares. Porém algumas filhas de nobres passaram a reclamar seu acesso aos estudos. E, em alguma medida, conseguem-no, chegando a trabalhar como pintoras profissionais. Algumas mulheres passam a ter formação em centros acadêmicos que antes eram restritos ao público masculino, essas quase sempre de classe abastada.

Séculos depois do Renascimento, deparamo-nos com o modernismo. Dando enfoque para o Brasil, finalmente são reconhecidas algumas artistas mulheres, como Anita Malfatti (1889-1964) e Tarsila do Amaral (1886-1973), comumente citadas em aulas de artes, ao contrário das demais mencionadas anteriormente. Isso talvez ocorra por elas se desenvolverem num quadro em que as mulheres já tinham um maior espaço, liberdade e maior divulgação de suas obras. No entanto, o Brasil contou também com outros nomes que não são frequentemente escutados e associados ao modernismo, como, por exemplo, Teresa Aita e Aurélia Rubião, porém tais artistas não perdem sua importância e, por isso, destaco-as aqui.

Tereza Aita (1900- 1967), mais conhecida como Zina Aita, nascida em Minas Gerais, foi a precursora do movimento modernista no estado e chegou a participar da Semana de Arte Moderna de 22.

Figura 23 - Sem Título- Zina Aita (1923)



Fonte: <<http://enciclopedia.itaucultural.org.br/>>

Aurélia Rubião (1901- 1987), também de Minas Gerais, estudou em São Paulo na Escola de Belas Artes. Foi duramente criticada por Oswald de Andrade por sua técnica ter características que se assemelham ao classicismo, apesar de suas obras levarem traços também do pontilhismo.

Figura 24 – Obra de Aurélia Rubião (1966)



Fonte: <<http://enciclopedia.itaucultural.ozrg.br/>>

Rubião tinha o hábito de não vender suas obras e, devido a esse fato, grande parte delas não são conhecidas ou se perderam.

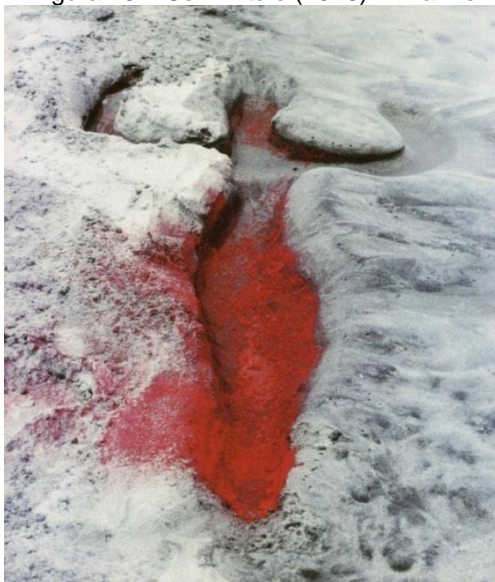
Com a luta das mulheres artistas e dos membros do movimento feminista, a mulher ocidental adquiriu uma liberdade de expressão bem maior, tem acesso a todos os meios de produção artísticos e realiza trabalhos em todos eles, frequenta museus e, em alguns casos, está presente nas equipes de curadoria e organização de exposição. É primordial admitir que o número de mulheres nas artes esteja em crescimento e também compreender o processo histórico pelo qual essas passaram para hoje encontrarmos mais facilmente nomes femininos, como Ana Mendieta, Yoko Ono e Judy Chicago. Essa nova leva de artistas finalmente tem liberdade para falar delas mesmas, dos seus pontos de vistas, ideias, injustiças, angústias e

vontades.

Segundo Coutinho e Laponte (2015, p.183), “é importante salientar que o impacto do feminismo na arte trouxe à luz uma série de enunciados artísticos que tratavam diretamente do universo singular da mulher sob o ponto de vista da própria mulher artista [...]”.

A exemplo disso, mostrarei algumas artistas, começando pela cubana Ana Mendieta (1948-1985), que falava sobre o próprio corpo e como a mulher se liga ao mundo ao seu redor. Para isso, geralmente utiliza a relação do corpo com a terra, seus trabalhos são apresentados em pintura, vídeo, performance e escultura.

Figura 25 – Sem Título (1976) - Ana Mendieta



Fonte: <<https://curiator.com/art/>>

Yoko Ono (1933), artista de origem japonesa, trata de questões pertinentes ao seu cotidiano, questionando as formas de ver e de estar no mundo e realizando

performances, vídeos e instalações. Sua ideia, junto ao grupo Fluxus, nos anos 60, era contrapor-se às formas de produções artísticas do seu tempo. Mais do que um visionária, a artista é um símbolo feminino das artes que, posteriormente, abrirá espaço e servirá de referência para outras mulheres tratarem dos mais diversos temas. Em sua obra *Cut Piece* (1964), a artista fica imóvel enquanto o público recorta um pedaço de sua roupa e leva-o consigo. Reflete, muitas vezes, como a condição social da mulher é representada, imóvel e passível, enquanto os agentes externos agem sobre ela.

Figura 26 - *Cut Piece* (1964) – Yoko Ono



Fonte: <<https://voxpathulisphere.com/>>

Uma artista que merece destaque por ficar conhecida em seu tempo e preocupar-se com a questão feminina é a estadunidense Judy Chicago (1939). Sua obra mais famosa é *O Banquete*, de 1974, década em que o movimento feminista ganha força. A produção é uma instalação monumental.

The Dinner Party (1974-79) consiste em uma instalação artística onde domina uma mesa triangular preparada para trinta e nove mulheres de relevância histórica, mitológica e/ou artística. Cada uma delas tem seu lugar demarcado por toalhas bordadas, jogos de pratos, talheres e copos esmaltados, arranjados e preparados para representar simbolicamente essas mulheres. Sobre o piso, quase mil outros nomes ganham destaque, nesse monumental tributo à história das mulheres preparado pela artista Judy Chicago (SENNÁ, 2017, p. 1).

Figura 27 – O Banquete (1974-1979) – Judy Chicago



Fonte: <<https://artsandculture.google.com/>>

Um dos objetivos principais dessa obra é reconhecer os feitos femininos, que costumam ser colocados em segundo plano na história ocidental.

No Brasil, encontramos atualmente o nome da artista Rosana Paulino (1967), que traz em seu trabalho a questão da mulher negra descendente de anos de escravidão, como ela costuma ser tratada na sociedade brasileira e seus entraves.

Imagem 28- Série Bastidores (1997) – Rosana Paulino

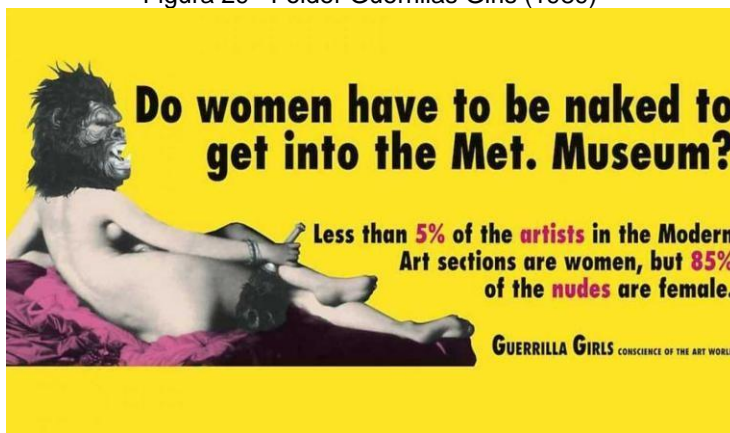


Fonte: <<http://omenelicksegundoato.blogspot.com/>>

Mesmo o quadro de mulheres artistas na contemporaneidade é bem maior quando comparado ao de anteriormente – tanto que não seria possível citar todos os nomes em minha pesquisa –, todavia ainda está longe de ser o ideal, pois, de acordo com o grupo de artistas, performers e pesquisadoras Guerrillas Girls, dos Estados Unidos, menos de 5% dos artistas nos dias de hoje são

mulheres, enquanto 85% dos corpos nus representados são femininos. Elas trazem outros temas ligados às mulheres e as artes para os museus e para ruas por no intuito de fazer os espectadores repensarem as imagens que andam consumindo e de onde elas vêm.

Figura 29– Folder Guerrillas Girls (1989)



Fonte: <<http://www.ccurgell.cat/>>

Existem ainda diferenças discrepantes nos museus e nas galerias, um estigma de quem entende sobre arte e técnica. Somente estudando a raiz da história, é possível tecer comparações, análises, buscar argumentos e levantar questionamentos.

Um professor deve pensar em pautas como essa em sala de aula, ouvir a opinião dos alunos e articular de forma que considere a visão deles sobre o assunto e como isso se apresenta nas obras das artistas, quais delas são interessantes para trabalhar em sala de aula no momento. Todavia jamais se deve deixar de apresentar figuras femininas, para, assim, buscar construir um quadro cultural que abranja todas as classes sociais de forma igualitária.

Por último, trago uma artista que trabalha um dos temas que apresento com muita empatia, refiro-me à

fotografa polonesa Katarzyna Majak. Ela tem como tema a mulher e a religião pagã, que, muitas vezes, é temida pelos cristãos. Porém uma feiticeira tende a levar título de honra em sua comunidade, como proprietária da sabedoria e da magia. A maioria são mulheres mais velhas, com uma carga de respeito, cada uma com sua beleza única e natural. Ao contrário das imagens idealizadas da arte e da publicidade, não são sensuais e nem por isso são apresentadas como mulheres feias, que se opõem à vontade de Deus, como acontecia na Idade Média.

Figura 30 – Retrato da Feiticeira Joanna (2012-2015) - Katarzyna Majak



Fonte: <<https://revistagalileu.globo.com/>>

Figura 31- Retrato da Feiticeira Enenna (2012-2015) - Katarzyna Majak



Fonte: <<http://www.womenofpower.pl/>>

A arte contemporânea espelha o real, o artista estabelece um diálogo com o público a partir de suas formas de ver e existir no mundo, e nessa aproximação com a vida, denuncia as desigualdades, constrói redes e mostra diferentes culturas. As mulheres artistas, ao longo da história, deram voz a muitas outras mulheres que não puderam expor sua existência, seus desejos e sonhos. Artistas são seres políticos com a capacidade de denunciar a realidade, a arte é permanência, resistência e todos tem o direito de ter acesso aos seus meios de produção e fruição.

4 CRONING⁶

O termo identidade de gênero ainda causa uma série de preconceitos e tabus. Para a pesquisadora Judith Butler (2003), isso ocorre porque muitas pessoas não sabem o real significado do termo. Reforcei essa pesquisa com a minha saída de campo, na qual realizei um questionário, com 23 pessoas, as quais tinham entre dezenove a 62 anos, com onze questões pertinentes a gênero, educação em artes, mulheres artistas e feminismo.

A questão número nove trazia a seguinte pergunta: **“Você se identifica com algum gênero? Qual?”**. Estando ao lado dos entrevistados, muitos deles me perguntavam o que era gênero ou faziam referências ligadas à sexualidade, com brincadeiras do tipo: *“Vou colocar que sou ‘sapata’ então”*. Outros escreveram: *“Sim, heterossexual”*. Alguns se sentiram inseguros e preencheram a questão com: *“Nunca parei para pensar nisso”*.

Uma das medidas primordiais para os professores que desejam trabalhar gênero em sala de aula é primeiramente desconstruir as barreiras entre gênero e sexualidade, esses elementos não estão intimamente ligados. Sexualidade é como você interage ativamente com os outros membros da sociedade, aqueles pelos quais tem atração sexual, e como se comporta em meio a isso. Enquanto o gênero, segundo Butler (2003), é uma construção social, de que forma o indivíduo performativa o seu corpo, que características físicas e padrões sociais ele adota.

“É menina! Vai se chamar Ana!”, pode ser a fala de uma mãe que acabou de parir. Uma das primeiras coisas que definiu a bebê como alguém no mundo

⁶ Ritual wicca da entrada da mulher na menopausa, quando ela passa a ser reconhecida como sábia pela sociedade.

foi o gênero feminino: “é menina!”. Gênero é uma forma de classificar a nossa identidade como feminina ou masculina. Esta forma é construída socialmente e culturalmente e costuma ser relacionada à genitália da criança quando nasce. O gênero não só diferencia “meninas” e “meninos”, mas também os coloca numa relação de poder. Em nossa sociedade, o masculino tem poder em relação ao feminino. É o que chamamos de machismo. E quando Ana for jovem e sua tia perguntar no almoço de Natal se ela está namorando... um menino? Bem, isso diz respeito à orientação sexual. Parece que o gênero já traz um “pacote” todo, né? (Ação Educativa, 2016, p. 09).

Estudar conceitos de gênero na escola ajuda o indivíduo a se reconhecer como parte integrante da sociedade, respeitar as diferenças e os valores de cada um. Os meios educativos têm, entre tantas outras, a missão de mostrar que todos são iguais, independentemente de fatores como gênero e sexualidade.

A escola, como parte integrante da sociedade, reproduz relações de desigualdade entre homens e mulheres; entre brancos, negros e indígenas; entre heterossexuais, gays, lésbicas e bissexuais; entre cisgêneros, transexuais e travestis; entre pessoas sem deficiência e pessoas com deficiência; entre os que têm diferentes religiões. Mas a escola também pode - e deve - combater essas desigualdades, pois tem o objetivo de formar cidadãos críticos

por meio de uma educação de qualidade. É necessário que a escola se repense, pelo seu próprio bem e para formar pessoas capazes de intervir na sociedade de forma justa e igualitária (Ação Educativa, 2016, p. 06).

Durante a pesquisa, julguei importante relatar o conceito contemporâneo de gênero feminino, pois me identifico com tal. As mulheres têm tido pouca visibilidade ao longo da história da humanidade como agentes criadores, potencializadores, e comumente são associadas a serem passíveis, sem grandes feitos.

As antropólogas Marilyn Strathern e Carol Mac Cormack argumentaram que o discurso natureza/cultura normalmente concebe que a natureza é “feminina” e precisa ser subordinada pela cultura, invariavelmente concebida como masculina, ativa e abstrata. (BUTLER, 2003, p. 66)

No mundo das artes, como já foi demonstrado em minha pesquisa, elas são usadas como modelos, corpos idealizados, sem voz sobre si mesmas. No questionário, obtive informações interessantes que reforçam tal visão. Elucidarei uma pergunta de cada vez.

Na segunda questão da entrevista, realizei a seguinte pergunta: **“No seu período escolar, você se lembra de imagens femininas produzidas por artistas em suas obras?”**. Houve, nessas respostas, um padrão bem destacado. Doze pessoas responderam que se lembravam da Mona Lisa, de Leonardo Da Vinci; sete não souberam responder; quatro relataram ter visto a imagem de alguma mulher nua; três citaram a Vênus de Willendorf⁷;

⁷ Figura 1

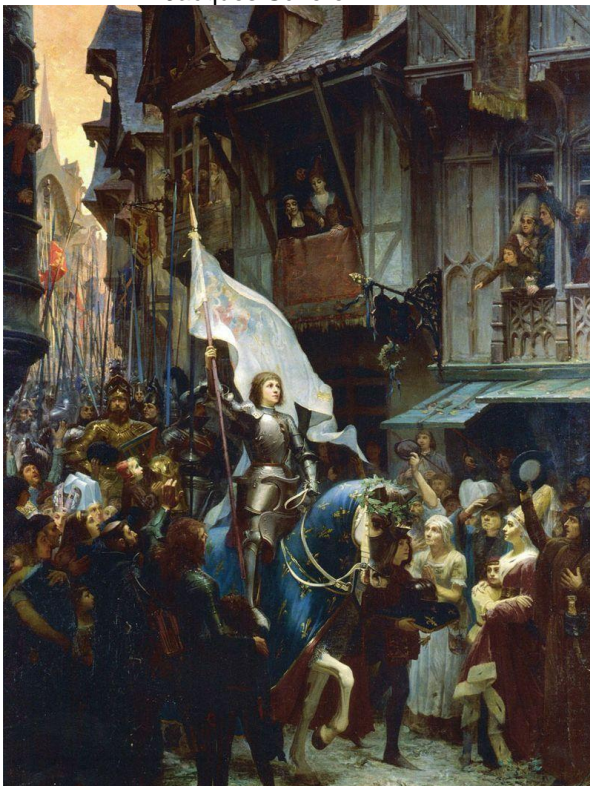
duas escreveram sobre a Entrada de Joana D'arc à Orleans, de Jean-Jacques Scherer; uma citou a obra Abaporu, de Tarsila de Amaral, como sendo o retrato de uma mulher; uma falou sobre A Boba, de Anita Malfatti; uma colocou Marilyn Monroe, de Andy Warhol; por último, uma pessoa indicou a Mulher com Guarda-chuva, de Claude Monet.

Figura 32 – Monalisa (1506) – Leonardo da Vinci



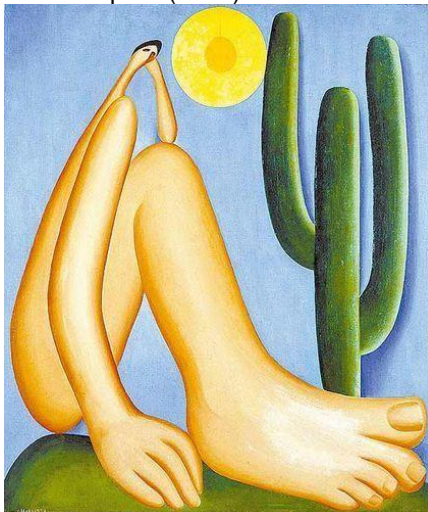
Fonte: <<https://pt.wikipedia.org/wiki>

Figura 33– Entrada de Joana D'arc à Orleans (1887) - Jean-Jacques Scherer



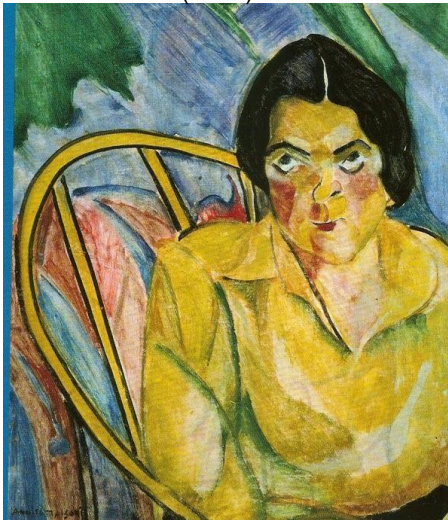
Fonte: <<https://pt.wikipedia.org/wiki/>>

Figura 34 – Abaporu (1928) – Tarsila do Amaral



Fonte: <<https://pt.wikipedia.org/wiki/>>

Figura 35 – A Boba (1916) – Anita Malfatti



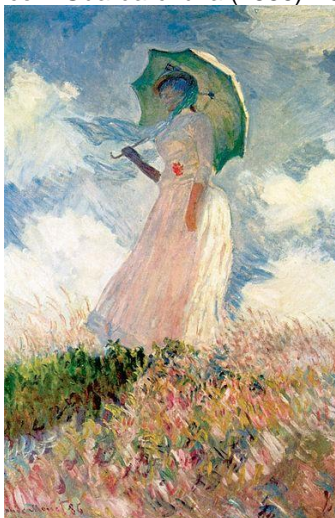
Fonte: <<https://pt.wikipedia.org/wiki/>>

Figura 36 – Marilyn Monroe (1962) - Andy Warhol



Fonte: <<https://www.redbubble.com/>>

Figura 37 – Mulher com Guarda-chuva (1886) - Claude Monet



Fonte: <<https://pt.wikipedia.org/wiki/>>

São poucas imagens femininas apresentadas na escola, por conta disso, os repertórios dos entrevistados eram escassos. Ainda assim, quando essas se apresentam, em suas maiorias, são feitas e idealizadas por homens, figuras nuas e objetificadas. Devido a esses fatores, percebe-se, no enunciando número quatro do questionário, que, das dezessete mulheres que responderam as questões, quinze não se identificavam com nenhuma das imagens.

Outro dado interessante que condiz com os fatos apresentados até agora é a seguinte pergunta: **“Conhece alguma artista visual mulher? Se sim, qual/quais?”**. Nove dos entrevistados afirmaram não conhecer nenhuma artista visual mulher, um deles conhecia apenas a artista Frida Kahlo e dois conheciam Frida Kahlo e Tarsila do Amaral, enquanto os outros onze conseguiram citar nomes de outras artistas somente porque frequentam o Curso de Artes Visuais - Licenciatura da UNESC. Porém, mesmo assim, os números se limitavam a aproximadamente três artistas.

Esses dados reduziram ainda mais quando foi perguntado ao grupo: **“Já estudou sobre alguma artista feminista na escola?”**. Quinze responderam que não estudaram, quatro falaram que não sabiam ou não lembravam, três afirmaram que sim e um disse que sim, mas não tinham consciência na época. Concluímos, portanto, que o feminismo ainda apresenta dificuldades para adentrar em sala de aula e que nem todas as pessoas têm esses conceitos claros. Apesar de dezenove pessoas conhecerem os movimentos feministas, pouquíssimas sabiam falar sobre ele, a maioria apenas reconhecia que ele lutava pelo direito feminino, entretanto, todos entre esses o julgavam importante. Esses dados são ainda mais incoerentes, porque, apesar de todos julgarem o movimento feminista importante, apenas doze se consideravam feministas. Por que o movimento feminista ainda não consegue ser atrativo para as pessoas? Quais

tabus faltam ser quebrados para que ele consiga novos adeptos?

Um deles, com certeza, é a falta de informação dos futuros professores. Meus próprios colegas de universidade, que estão se formando em licenciatura em artes, não sabiam quais eram os princípios do feminismo, portanto teriam dificuldades para ensinar seus alunos. Entre a busca pelos direitos das mulheres, esqueceram de informar a construção de uma identidade social, quebra de tabus, edificação da visibilidade da mulher, luta contra a violência física e psicológica e análise crítica dos meios de informações. Butler (2003) nos fala que a luta do feminismo não é unicamente feminino ou elitista, deve atender às necessidades de todos os grupos de mulheres e procurar novos adeptos. Um professor com bons argumentos e estudos na área pode desfazer muitas barreiras.

Quatro das dezessete mulheres questionadas afirmaram que seu gênero é 'mais ou menos' visto pela sociedade, com a justificativa de que só conseguem tal façanha em alguns locais, e, mesmo que consigam essa visibilidade, ainda é escassa ou têm o seu gênero considerado 'inferior'. O que o sistema tem feito para essas mulheres se sentirem deslocadas socialmente? Ainda existe uma falta de representatividade. De acordo com o material do grupo Ação Educativa (2016), *Por que discutir gênero na escola?*, a violência a determinados grupos começa com uma ponta de iceberg, que é a invisibilidade, falamos aqui principalmente da feminina, porque já passa por esse processo histórico.

Figura 38– Violência de gênero de acordo com o grupo Ação Educativa (2016)



Fonte: <<http://acaeducativa.org.br/>>

Quando me refiro ao feminino, estou usando todos os grupos de mulheres, apesar da sociedade construir padrões do que é feminino ou não. O movimento feminista deve se preocupar com todas essas mulheres, como são vistas pela sociedade, combater todas as formas de violência e reconhecer feitos femininos que foram apagados da história, e em igual medida os do mundo das artes. Machismo na mídia, publicidade machista e humor machista são formas de violências sutis, porém são constantemente encontrados todos os dias, seja na televisão, em redes sociais, outdoors ou na própria casa das jovens.

A mídia de forma geral invisibiliza e distorce a participação das mulheres na sociedade, em especial das negras, indígenas,

lésbicas, bissexuais, transexuais e gordas. É a chamada violência midiática, que reproduz crenças, valores e comportamentos machistas, racistas, heteronormativos e que reforçam desigualdades. Nas revistas e nos programas de TV o lugar social da mulher é limitado pela objetificação de seu corpo, pela supersexualização da sua imagem, pelo enquadramento em estereótipos que limitam as possibilidades de “ser mulher” e as reduzem como seres humanos (Ação Educativa, 2016, p.14).

Toda essa pressão psicológica sobre as mulheres faz com que elas muitas vezes se sintam ‘inferiores’, como citado nas entrevistas. Mais tarde, esse sentimento pode fazer com que elas se submetam a violências psicológicas e físicas. Segundo o IBGE, as mulheres representam atualmente cerca de 51,5% da população brasileira, arredondando, seriam cerca de 105 milhões de mulheres. Dessas, de acordo os dados do Mapa da Violência de 2015, algo em torno de 4.745 morrem vítimas de feminicídio, isto é, assassinato em função de seu gênero, e 30% das mortes ocorreram por parceiro ou ex, porém muitos casos não são reconhecidos como tal.

O Anuário Brasileiro de Segurança Pública, em 2015, registrou, no Brasil, um estupro a cada 11 minutos, sendo 70% das vítimas crianças ou adolescentes, entretanto somente 10% das vítimas relatam os casos. Publicou, em 2017, que apenas 15,7% dos acusados por estupro foram presos. O Human Rights Watch disponibilizou, em 2017, a informação que, dos 8.400 boletins de ocorrência registrados em Boa Vista, nenhum foi investigado. Mesmo com a Lei nº 11.340, de 7 de agosto de 2006, popularmente conhecida como Lei Maria da Penha, as mulheres não se sentem necessariamente mais seguras,

porque o Estado apresenta muita negligência em termos de fiscalização e investigação. A lei, logo no seu segundo artigo, relata que:

Toda mulher, independentemente de classe, raça, etnia, orientação sexual, renda, cultura, nível educacional, idade e religião, goza dos direitos fundamentais inerentes à pessoa humana, sendo-lhe asseguradas as oportunidades e facilidades para viver sem violência, preservar sua saúde física e mental e seu aperfeiçoamento moral, intelectual e social.

O Mapa Da Violência de 2015 registrou que o assassinato de mulheres negras aumentou (56%) enquanto das mulheres brancas diminuiu (9,8%), apesar de a população negra ter sofrido um aumento de apenas de 15% nos últimos anos, segundo o IBGE. Existem fatores sociais que vão além do que as leis podem prever. As ações devem ser práticas, um dos passos é resgatar a autoestima das jovens e desconstruir o machismo.

No Ensino Médio é comum presenciar meninas brigando na porta da escola. O motivo: “fulano”, que traiu a namorada. Se pararmos para refletir, esse fulano sempre é aquele menino que não tá nem aí para o relacionamento, desvaloriza a namorada, quebra os acordos da relação, nunca está presente durante a briga ou fica de longe olhando e rindo. A nossa cultura é tão machista que faz essas mulheres acreditarem que a culpa é sempre de outra mulher. A cultura da masculinidade esquece de ensinar aos homens que eles devem cuidar da relação, e isso

significa respeitar seus acordos e os sentimentos da companheira. (Ação Educativa, 2016, p.16)

São nas pequenas ações do cotidiano que o machismo se mostra presente. Deve-se lutar para uma melhor relação entre homens e mulheres, para que ambos consigam falar de suas lutas e demonstrar seus sentimentos, afinal, essa é a premissa de uma sociedade democrática e igualitária que a constituição prega. Um bom professor que pretende trabalhar essas questões em sala deve ter claros os conceitos de sexualidade, gênero, feminino, feminismo e machismo, ter consciência dos dados e das leis e, caso esse administre a disciplina de artes, trazer obras de artistas que fujam dos padrões héteros e masculinizantes, existem ótimas artistas femininas na historia do Brasil e do mundo.

Para conclusão deste capítulo, podemos ressaltar os conceitos da seguinte forma:

1. **Sexualidade:** está intimamente ligada ao desejo sexual, podendo o indivíduo sentir atração por homens, mulheres ou ambos os sexos.
2. **Gênero:** é um padrão social que costuma ser associado culturalmente pelo órgão genital. Uma pessoa do sexo feminino, por exemplo, costuma vestir-se e comportar-se de uma determinada maneira em sua cultura. A identidade de gênero, no entanto, permite que as pessoas transgridam esses padrões.
3. **Identidade de gênero:** O gênero pode se tratar também de uma identidade pessoal na qual o indivíduo cria uma identidade própria, performativa seu corpo de acordo com suas necessidades, transgride os padrões sociais que normalmente o limitam.

4. **Feminino:** tudo aquilo que é relativo ao indivíduo do sexo feminino.
5. **Feminismo:** é a luta das mulheres para defesa dos seus direitos, espaço no mercado de trabalho, fim do abuso físico e psicológico e busca da visibilidade da mulher, opõe-se ao machismo na busca da igualdade entre os sexos.
6. **Machismo:** orgulho de ser membro do sexo masculino, considerando-o superior ao feminino. Costuma gerar inseguranças aos homens que não seguem os padrões masculinizantes e, por vezes, tornam-se agressivos.

Preconceitos são quebrados através de estudo. Sem os conhecimentos básicos e a partilha de experiências, não existe progresso. A sala de aula é um espaço para debates de diversos temas quando uma das suas propostas é formar cidadãos críticos e atuantes na sociedade.

5 PROPOSTA DE CURSO

TÍTULO: Boline: (re)cortes entre gênero, arte e educação

JUSTIFICATIVA

A mulher ocidental passou por um processo de invisibilidade enquanto agente nas artes. Durante muito tempo, foi objeto de estudo e desejo masculino, porém tinha sua voz silenciada, resultando numa violência sutil ao seu gênero, que contribui para que as mulheres se sintam inferiorizadas, de acordo com os relatos feitos em minha pesquisa. Acabar com as formas sutis de violência impede que as mais opressoras, que ferem a integridade física e psicológica, comprometam sua segurança enquanto cidadãos.

Muitos professores não tiveram, em sua formação, disciplinas que abordassem questões de gênero e sexualidade na educação. A nova grade curricular do Curso de Artes Visuais - Licenciatura da Unesc já trata desse tema. Porém como podemos contribuir para capacitação dos professores que não tiveram essa formação?

Com essa oficina, busco oportunizar que os docentes conheçam os termos mais básicos de sexualidade, gênero, identidade de gênero, feminino, feminismo, machismo. Além da abordagem desses conceitos, a oficina também apresenta obras investigadas no meu trabalho de conclusão de curso, demonstrando como o gênero feminino foi representado ao longo dos séculos e a produção artística de algumas artistas mulheres. Isso, com a intenção de mostrar que trabalhar com questões pertinentes ao feminino é possível e necessário, que existe uma luta histórica dessas agentes contra o machismo e o seu silenciamento.

O formato oficina é relevante para meu trabalho, pois

o compartilhamento de experiências faz parte da proposta docente das artes contemporâneas. Através dela, instauram-se diálogos, o trabalho se torna mais significativo.

OBJETIVO GERAL

Oportunizar aos professores e estudantes de artes o contato com os conceitos de sexualidade, gênero, identidade de gênero, feminino, feminismo, machismo e obras de artistas mulheres, conhecimentos muitas vezes não apresentados pelos cursos de formação.

OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- Debater questões pertinentes a gênero feminino, arte e educação.
- Expor conceitos de sexualidade, gênero, identidade de gênero, feminino, feminismo e machismo.
- Apresentar as imagens da representação do gênero feminino ao longo dos séculos.
- Conhecer algumas produções de artistas mulheres não visibilizadas historicamente.
- Promover diálogos entre professores e estudantes de artes, compartilhando e ampliando conhecimentos para serem aplicados em sala de aula.

CARGA HORÁRIA: 06 horas

EMENTA: Conceitos de sexualidade, gênero, identidade de gênero, feminino, feminismo e machismo. A imagem da mulher na história da arte e a mulher artista. As aulas de artes como espaços para combater as desigualdades.

PÚBLICO ALVO

Professores e estudantes do Curso de Artes Visuais
- Licenciatura.

METODOLOGIA

Como questões sobre gênero, sexualidade e feminismo ainda são assuntos que geram dúvidas e receio do desconhecido, surge a ideia de realizar um curso com os professores e estudantes de artes dos ensinos fundamental e médio.

Primeiro Encontro (3h): será realizada uma aula expositiva para apresentar ao grupo os conceitos básicos de sexualidade, gênero, feminino, feminismo e machismo com o auxílio do material *Por que discutir gênero na escola?*, do grupo Ação Educativa (2016), e das obras contidas no meu trabalho de conclusão de curso, buscando tecer um diálogo e comparações entre a imagem da mulher entre os séculos.

Segundo Encontro (3h): este encontro terá o objetivo de dialogar com o grupo sobre o papel da mulher nas artes como agente criador. Os presentes compartilharão seus conhecimentos e ocorrerá um relato sobre as artistas destacadas na pesquisa de conclusão de curso. Esse encontro terá o intuito de que os docentes ampliem seu repertório sobre as artistas mulheres.

REFERÊNCIAS

AÇÃO EDUCATIVA. **Por que discutir gênero na escola?**. São Paulo, junho de 2016. Disponível em: <<http://acaoeducativa.org.br/>> Acesso em: agosto de 2018.

BEAUVOIR, Simone de. **O segundo sexo: a experiência vivida**. 6. Ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. 10. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2016.

MANACORDA, Alighiero Mario. **História da educação da antiguidade aos nossos dias**. São Paulo: Editora Cortez, 2001.

NOCHLIN, Linda. **Por que não houve grandes mulheres artistas?**. Disponível em: <<http://www.edicoesaurora.com/6-por-que-nao-houve-grandes-mulheres-artistas-linda-nochlin/>> Acesso: 30 de outubro de 2018.

RÉQUIM⁸

A pesquisa desenvolvida durante este trabalho de conclusão de curso de Artes Visuais - Licenciatura teve como objetivo geral compreender a influência dos meios artísticos e educativos para a estruturação do gênero feminino estudando a imagem da mulher culturalmente difundida. Tendo, assim, como objetivos específicos estudar a história da arte e sua contribuição na formação do gênero feminino na atualidade, (re)construir a imagem da mulher como agente artístico e histórico, entrevistar pessoas de diferentes faixas etárias sobre seus conhecimentos a respeito de gênero e feminismo e conceituar as diferenças entre gênero e sexualidade, assim, auxiliando a formação dos professores.

A metodologia utilizada foi a cartográfica, utilizando dados bibliográficos e a realização de questionários com pessoas de faixas etárias entre dezenove a 62 anos, de ambos os sexos. A partir dos dados coletados, pode-se concluir que a maioria dos entrevistados não conhece as diferenças entre gênero e sexualidade, seus estudos sobre feminismo são escassos e poucos reconhecem o papel da mulher na história da arte.

O que se observou é que ainda existem tabus referentes à questão de identidade gênero, pois a maioria das pessoas não tem seus conceitos bem definidos. É função dos professores, em especial dos de artes, apresentar esses termos em sala de aula, a fim de desconstruir a invisibilidade social de determinados grupos, ressaltando aqui o gênero feminino, visto como secundário pela história da arte, em que poucas mulheres são reconhecidas como produtoras. Uma das formas de luta para essa invisibilidade é demonstrar novas possibilidades

⁸ Cerimônia pagã para quando um bruxo morre e inicia sua passagem para o além.

de ver as produções artísticas das mulheres.

A história da humanidade é conhecida por dar ênfase a determinados grupos sociais e silenciar os demais. A educação artística deve lutar contra todas as formas de discriminação. Tal fato apenas será concretizado se os membros sociais reconhecerem os diferentes gêneros como parte importante para concretização do desenvolvimento histórico, social e artístico. Eu, como mulher, vejo que minha participação nesse processo é essencial, quero ajudar para a construção de uma realidade em que todos tenham liberdade de suas escolhas e se sintam seguros com elas, que ninguém seja taxado com apelidos pejorativos ou rotulado com características superficiais. Quando uma mulher for chamada de 'bruxa', que seja por sua inteligência e sabedoria.

REFERÊNCIAS

ABREU, Carla. **Imagens que não afetam**: questões de gênero no ensino da arte desde a perspectiva crítica feminista e cultura visual. Santa Maria: Anpap, 2015. Disponível em: <<http://anpap.org.br/anais/>>. Acesso em: agosto de 2018.

AÇÃO EDUCATIVA. **Por que discutir gênero na escola?**. São Paulo, junho de 2016. Disponível em: <<http://acaoeducativa.org.br/>> Acesso em: agosto de 2018.

ALMEIDA, Flávia Leme de. **Mulheres recipientes**: recortes poéticos do universo feminino nas artes visuais. São Paulo: Editora UNESP, 2010.

AMARAL, Aracy. O modernismo brasileiro e o contexto cultural dos anos 20. **Revista USP**, São Paulo, 2012.

BEAUVOIR, Simone de. **O segundo sexo**: a experiência vivida. 6. Ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980.

BRASIL. **Lei nº 11.340, de 07 de agosto de 2006**. Cria mecanismos para coibir a violência doméstica e familiar contra a mulher. Disponível em : <<http://www.planalto.gov.br/>>.

BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais**. Secretaria da Educação do Ensino Fundamental, Brasília, 1997.

BURKE, Peter. **O renascimento**. Tradução: Rita Canas Mendes. Lisboa: Papelmunde, 2008.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero**: feminismo e subversão da identidade. 10. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2016.

COUTINHO, Andréa Senra ; LAPONTE, Luciana Gruppelli. **Artes Visuais e Feminismos:** implicações pedagógicas. Florianópolis. janeiro- abril 2015. Disponível em: < <https://periodicos.ufsc.br/>>. Acesso em: agosto de 2018.

CRUZ, Priscilla Leal. **Mulheres artistas:** há desigualdade de gênero no mercado as artes plásticas do século XXI?. Bahia: Salvador. 2012. Disponível em: < <http://www.cult.ufba.br/>>. Acesso em: agosto de 2018. Disponível em: < <http://www.edicoesaurora.com/>> . Acesso em: agosto de 2018.

JALLAGEAS, Neide. **Respostas mínimas a questões máximas:** sobre a (in)visibilidade da mulher artista na história da arte. Disponível em: < <http://www.miniweb.com.br/artes/artigos/>> Acesso em: agosto de 2018.

LAPONTE, Luciana Gruppelli. **Sexualidades, artes visuais e poder:** pedagogias visuais do feminismo. 2002. Disponível em: < <http://www.scielo.br/pdf/>> Acesso em: agosto de 2018.

MANACORDA, Alighiero Mario. História da educação da antiguidade aos nossos dias. São Paulo: Editora Cortez, 2001.

NOCHLIN, Linda. **Por que não houve grandes mulheres artistas?**. Disponível em 30/10/2018: <http://www.edicoesaurora.com/6-por-que-nao-houve-grandes-mulheres-artistas-linda-nochlin/>

SENNA, Nadia da Cruz. Revivendo a ceia de Judy Chicago. **Seminário Internacional Fazendo Gênero.** Anais Eletrônicos. Florianópolis, 2017. Disponível em: < <http://www.en.wwc2017.eventos.dype.com.br/>>. Acesso

em: outubro de 2018.

TADESCO, Cristine. Artemísia Gentileschi: um drama caravaggesco no olhar de gênero. RS: Rio Grande. 2012. Disponível em: <<http://www.eeh2012.anpuh-rs.org.br/>>. Acesso: agosto de 2018

TERENZI, Juan Manuel. **Do caos à espuma:** o sinuoso percurso de Afrodite. DAPesquisa. p. 63- 74. junho de 2015. Disponível em: <<http://www.revistas.udesc.br/>>. Acesso em: agosto de 2018. Tradução: Juliana Vacaro. Edições Aurora, São Paulo, maio de 2016.

APÊNDICE (S)

APÊNDICE A- Termo de autorização do uso de imagem, fala, escrita



**UNIVERSIDADE DO EXTREMO SUL
CATARINENSE – UNESC
UNIDADE ACADÊMICA DE
HUMANIDADES, CIÊNCIAS E EDUCAÇÃO
CURSO DE ARTES VISUAIS –
LICENCIATURA**

**AUTORIZAÇÃO DO USO DE IMAGEM, FALA E
ESCRITA**

Eu, (NOME), _____
(ESTADO CIVIL), _____ (PROFISSÃO),
_____ portador(a) da carteira de
identidade nº (NÚMERO), _____ expedida
pelo (ÓRGÃO EXPEDIDOR), _____ inscrito(a)
no CPF sob o nº (NÚMERO) _____,
residente e domiciliado(a) no (ENDEREÇO),

_____ autorizo, de forma expressa, o uso e a reprodução
de minha imagem, do som da minha voz, sem qualquer
ônus, em favor da pesquisa do acadêmico Luana Vitali
Bento do Curso de Artes Visuais da UNESC sob
orientação do Prof. Daniele Cristina Zacarão Pereira para
que o mesmo os disponibilize como dados da pesquisa de
campo em seu Trabalho de Conclusão de Curso.

Por esta ser a expressão da minha vontade, declaro que

autorizo o uso acima descrito sem que nada haja a ser reclamado a qualquer título que seja sobre direitos à minha imagem, conexos ou a qualquer outro.

Local e data:

Assinatura:

Identificação na pesquisa:

Destaque abaixo o nome que gostaria de ser identificado na pesquisa

APÊNDICE B- Roteiro de perguntas**UNESC - UNIVERSIDADE DO EXTREMO
SUL CATARINENSE****CURSO: ARTES VISUAIS - LICENCIATURA**

Orientadora: Daniele Cristina Zacarão Pereira

Acadêmica: Luana Vitali Bento

QUESTIONÁRIO PARA PESQUISA DE TCC

1. Qual sua idade?

2. No seu período escolar, você lembra de imagens femininas produzidas por artistas em suas obras?

3. Como eram essas imagens?

4. Você se identificava com alguma delas?

5. Conhece o movimento feminista?

6. Julga importante? Se sim, por quê?

7. Conhece alguma artista visual mulher? Se sim, qual/quais?

8. Já estudou sobre alguma artista feminista na escola?

9. Você se identifica com algum gênero? Qual?

10. Você acha que o seu gênero é visto pela sociedade?

11. Você se considera feminista?

OBRIGADA!